

RESUMO

Neste artigo, discorremos sobre a crítica culturalista eneidiana, realizada no periódico *Diário de Notícias*, enfatizando as artes plásticas, as artes visuais, a arte popular, os museus de arte, a educação museal, a cinemateca, as ilustrações, as bienais, os ateliês e as demais ocorrências artísticas dos anos 50, que tiveram importância para a evolução da Arte Brasileira Contemporânea. O destaque está no Concretismo, no Minimalismo, na Arte Cinética, na Arte Pop, na arquitetura paisagística e no replanejamento das cidades. Praticando a Crítica de Rodapé e o estilo *cocktail*, a resenhista testemunha a intensificação da vida cultural, anotando a atuação de Ligia Clark, Candido Portinari, Alfredo Cheschiatti, Oscar Niemayer, Aldemir Martins, Oswaldo Goeldi, Fayga Ostrower, Burle Marx, todos em pleno processo de produção. No 4º período do Modernismo Pós-1945, o país, antes agrário, contrasta com a nova paisagem cultural urbana, contando com o talento e a participação daqueles artistas, também premiados no cenário internacional, representando um grande esforço para emancipar-se da influência das vanguardas europeias e para modernizar-se.

PALAVRAS-CHAVE: Eneida, Crônica, Arte & Crítica de Arte.

ENEIDA'S CHRONICLES ABOUT ARTS, IN THE GOLDEN YEARS

ABSTRACT

In this article, we discuss the culturalist critique of Eneida, carried out in the newspaper *Diário de Notícias*, emphasizing the plastic arts, visual arts, popular art, art museums, museum education, cinematheque, illustrations, biennials, ateliers and the other artistic occurrences of the 1950s, which were important for the evolution of Brazilian Contemporary Art. The emphasis is on Concretism, Minimalism, Kinetic Art, Pop Art, landscape architecture and the replanning of cities. Practicing the Rodapé Criticism and the cocktail style, the evolution of Brazilian Contemporary Art. The emphasis is on Concretism, Minimalism, Kinetic Art, Pop Art, landscape architecture and the replanning of cities. Practicing the Rodapé Criticism and the cocktail style, the reviewer witnesses the intensification of cultural life, noting the performance of Ligia Clark, Candido Portinari, Alfredo Cheschiatti, Oscar Niemayer, Aldemir Martins, Oswaldo Goeldi, Fayga Ostrower, Burle Marx, all in full swing production process. In the 4th period of Post-1945 Modernism, the country, previously agrarian full swing production process. In the 4th period of Post-1945 Modernism, the country, previously agrarian, contrasts with the new urban cultural landscape, counting on the talent and participation of those artists, also awarded on the international scene, representing a great effort to emancipate itself from the influence of European vanguards and to modernize.

KEY-WORDS : Eneida, Chronicle, Art & Art Criticism.

¹ Vânia Maria do Socorro Alvarez (*in memoriam*), ou, simplesmente, Vânia Alvarez, teóloga e jornalista, escritora e poeta, ensaísta e ativista cultural. Atuou, por mais de duas décadas, como professora de Literatura do Instituto de Letras e Comunicação da UFPA. Possuía mestrado em Estudos Literários e era especialista em Literatura Brasileira da Amazônia. Quando faleceu, estava finalizando o seu Doutorado pelo PPGL/UFPA. Publicou: *História e Memória em Aruanda e Banho de Cheiro*, *Deus sobre todas as coisas*, *Escre(vi)vências & Afetos*, *A Literatura Amazônica e a Cultura Regional, para além das salas de aula*, *Romanceiro da Floresta & das Águas*, *Ensaio: 30 Fotos de Elzinha x 30 Letras Minhas* entre outras obras. A publicação é uma homenagem póstuma à autora.

² Professor titular vinculado ao Instituto de Ciências da Arte, da UFPA, Belém. Pós-Doutor em Artes (UFF-RJ), Doutor em Literatura Brasileira (UNESP-SP) e Intersemiótica (Munique, Alemanha), Mestre em Teoria da Literatura (UFJF-MG), Especialista em Linguística Aplicada (Simonsen-RJ), Graduado em Letras e Pedagogia (USP-SP) e Direito (Inst. Vianna Jr.-MG).

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Considerações preliminares

O meu apartamento encolheu, está pequenino demais para o meu mundo de livros, de quadros e agora de esculturas e objetos de arte popular de países por onde andei. Vanglorio-me dos presentes que ganhei dos amigos, de aqui e do outro lado do mundo (ENEIDA, 09/08/1959).

Este artigo discorre sobre as três interfaces das crônicas eneidianas: a crítica literária e cultural; a crônica ensaística ou a crônica-comentário e a crônica memorialística realizada na década de 50 no Brasil, o chamado Brasil dos Anos Dourados. A crítica sobre as Artes realizada pela escritora Eneida³ (1903-1971) refere-se ao ideário crítico desenvolvido por ela e que ainda permanece inédito nas páginas daquele periódico, uma vez que ainda não se realizou a reunião desse material em um volume, que poderia ser denominado de “*O ideário crítico de Eneida*”. Por meio dos enfoques dos Estudos Culturais, da Crítica Genética e da Crítica Biográfica foi possível mover as fronteiras dos estudos sobre a crônica, comprovando ser possível, mesmo em um pequeno espaço da coluna *Encontro Matinal*, que se realizasse a crítica culturalista ou o jornalismo cultural na época dos Anos Dourados, momento da instalação da Televisão do Brasil, da ascensão dos meios de comunicação de massa, do auge da Crítica de Rodapés, de rivalização com a Crítica Universitária e um período de grande efervescência cultural.

Eneida fez parte da chamada Geração Modernista Pós-1945, aquela que viveu nos ambientes culturais entre os anos 1951-1964, ‘irreconhecivelmente inteligente’ para alguns, comprometida com a visão crítica sobre a modernização do país, preocupada com a dependência cultural e a descolonização literária, sensível aos temas que se voltavam para a democratização do país, além de estar empenhada na organização de artistas, escritores, jornalistas, intelectuais e livreiros em entidades de classe para a construção do que se chamou a Cidade Letrada no Brasil. A Geração Modernista Pós-1945, ou a Geração de Eneida é representada por escritores, jornalistas, artistas, que no início da década de 50, apareceram no cenário nacional e tiveram grande importância para a literatura, para a cultura, para o jornalismo e para a arte no Brasil. A efervescente vida cultural daquele período aparece estampada nos jornais, em colunas diárias, suplementos dominicais, especialmente no *Diário de Notícias*. Eneida, como alguns de seus contemporâneos, era cronista, repórter literária, crítica literária, escritora que encarnou o papel de publicista contemporânea. A crítica cultural passou

³ Eneida de Moraes destacou-se no jornalismo cultural e na literatura como cronista, ao publicar as obras *Cão da Madrugada* (1954), *Aruanda* (1957) e *Banho de Cheiro* (1962) e como repórter literária e ensaísta, quando da publicação do livro de entrevistas *Romancistas Também Personagens* (1962). Apaixonada pelo carnaval, publicou a *História do Carnaval Carioca* (1958) e organizou o show *Carnavália* (1968). Eneida assumiu para si o papel de animadora cultural e de estimuladora das artes. A maior parte de sua obra encontra-se dispersa e pulverizada nos periódicos nos quais publicou seus textos, em mais de 20 anos de jornalismo literário. A pesquisa, produzida em 10 anos nesses periódicos, apresenta um *corpus* de mais de 3000 recortes.

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

a ser realizada em pequeníssimos espaços, onde figuravam as crônicas, na coluna “*Encontro Matinal*”.

Diversos aspectos caracterizam essa 4ª Geração Modernista (1950-1964): a intensificação da vida intelectual brasileira, com o interesse pela ampliação do universo literário, artístico e cultural no Brasil; o desenvolvimento da crítica e do jornalismo cultural; o aumento da publicação de crônicas e a grande incidência de escritores e cronistas engajados na conscientização do escritor e do público. Assim como aconteceu no Rádio, muitos desses jornalistas/escritores passaram a trabalhar na TV, protagonizando programas de entrevistas e ao vivo, que de certa forma, passaram a rivalizar com o restante da programação televisiva daquela época, sem que, entretanto, tivessem abandonado as páginas dos periódicos e das revistas.

Uma nova visão crítica

Consideramos que “em consequência da perda da primazia da literatura como mídia principal, os Estudos Culturais dedicaram-se à investigação de bens simbólicos das mais diversas áreas culturais no contexto social contemporâneo.” (EGGENSPERGER, 2010, p.52). Torna-se um desafio enveredar por esses caminhos que possibilitam os diálogos Estudos Culturais, Literatura e outras Artes.

Parece inevitável falar em estudos literários atualmente sem mencionar as discussões que envolvem a relação da literatura com os estudos culturais. Delas tiram-se conclusões equivocadas que muitas vezes separam os críticos em dois blocos: os culturalistas e os tradicionalistas. Nessa segregação, leva-se em consideração, principalmente, o receio de que os estudos literários (teoria da literatura e crítica literária) se confundam com a miscelânea de disciplinas adicionadas ao caldeirão dos estudos culturais e perca, portanto, o *status* de conhecimento específico e intelectual (no sentido elitista da palavra). Esse medo direciona a discussão por caminhos que, muitas vezes, sedimentam discursos agressivos como, por exemplo, o capítulo final do livro *Altas Literaturas* (1998), de autoria de Leyla Perrone-Moisés, no qual a ensaísta se posiciona a favor da ideia de cânone e se opõem incisivamente aos estudos culturais. (SILVESTRE, 2015, p. 2).

O jornal que em 1950 anunciava publicações, crônicas, entrevistas, ensaios e reportagens literárias, também se preocuparia com o papel do escritor em divulgar outras artes, além da função de individuação e de socialização, fenômenos vistos como próprios da literatura.

Parece que, mesmo num país como o Brasil, onde o livro impresso nunca foi mídia principal para uma maioria, a literatura tinha um papel importantíssimo para determinadas camadas da população. A literatura poderia ser essencial para o desenvolvimento do indivíduo, do seu *ego*; tinha, portanto, um papel importante para sua individuação. A literatura poderia afirmar ou questionar normas e valores tradicionais do grupo; neste sentido apoiaria a socialização dos indivíduos (EGGENSPERGER, 2010, p.54).

Embora os diálogos entre literatura, jornalismo cultural e as Artes sejam ainda algo recente, em nossos meios, Eneida já realizava crônicas que tinham como tema as Artes, entre elas as artes plásticas, a arte popular, a xilogravura, o desenho, a ilustração, a gravação, a pintura, as bienais, as

exposições, os ateliês, a arte concretista e o interesse pela arte contemporânea, no Brasil que se modernizava. Por ser uma ‘mulher de Letras e das Artes’, a escritora não vivia apenas em contato com os livros, mas seu apartamento se tornara pequeno para abrigar peças de arte, que colecionava. A resenhista também se interessou por outros assuntos, tais como, as artes plásticas, a arte popular, as exposições de xilogravura e outros temas de interesse artístico e cultural nos anos 50.⁴

A crônica eneídiana e sua interface com as artes

A necessidade de renovação estética no país sofreu uma espécie de ‘paralisação’ desde a realização da Semana de Arte Moderna (1922). A Arte Construtiva se desenvolveu em esculturas geométricas, sob a influência de Franz Weissman. Surge o Grupo Concretista Ruptura (SP), liderado por Waldemar Cordeiro, movimento influenciado pela ideologia da sociedade industrial. A esse movimento concreto destaca-se a adesão dos poetas Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos, ligados ao aspecto material das palavras na sua ordenação espacial na folha de papel. No Rio de Janeiro, a ênfase era para o Grupo Concretista Frente, liderado pelos artistas Ivan Serpa, Aluísio Carvão, Lígia Clark, entre outros.

Kornis (2015) lembra ainda que da divergência desses dois Grupos (o Ruptura e o Frente) surgiu o Neoconcretismo, tendo seu Manifesto sido publicado no *Jornal do Brasil*, em 1959. Esse Manifesto foi assinado por Amílcar Castro, Lígia Clark e pelo poeta Ferreira Gullar. Foram criados grandes estúdios e ateliês, tais como, o Estúdio de Projetos Gráficos de Hércules Barsotti e de Willys de Castro, o Ateliê do Professor Candinho (Candido Portinari), o de Alfredo Cheschiatti e o de Oswaldo Goeldi, só para citar alguns artistas. As influências de Oscar Niemeyer (o arquiteto de Brasília), já se faziam sentir desde 1953, na urbanização do Parque do Ibirapuera, em São Paulo.

A Literatura continuava a avizinhar-se das artes plásticas, tal qual acontecera durante a realização da Semana de 22 e na construção da 1ª Geração de Modernistas, que se aproximaram das Vanguardas Europeias. Nesse período, no qual vicejou a 4ª Geração Modernista (1950-1964) o ambiente de efervescência cultural seria bem diferente.

O cenário mudara. Com o deflagrar da 2ª Guerra Mundial (1939-1945) houve o enfraquecimento da Europa e o poder, tanto na economia quanto sobre a cultura, ficaria sob a influência dos EUA. Assim, na passagem dos anos 50 aos anos 60, a influência norte-americana se

⁴ Ana Mae Barbosa, ao comentar a exposição de artes plásticas, nos anos 50, afirmou que: “A reclusão das artes plásticas em museus tem facilitado a cristalização de uma visão de arte autônoma, à parte, se referindo apenas a si mesma, construindo uma história particular em separado, movida por sua própria dinâmica. Esses chegaram a ser os valores do alto modernismo, mas hoje se entende que o contexto significa.” (Revista Cult, fev. 2001, p.18). A recepção daquelas obras já se via positiva por parte do público. O dilema entre nacional e internacional na construção e compreensão das tendências estéticas Modernistas Pós-1945, já se fazia perceber de forma explícita.

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

deu no Expressionismo Abstrato de Jackson Pollock (1912-1956), de Mark Rothko (1903-1970) e nos trabalhos escultóricos de David Smith (1906-1965). Surgiu a Art Óptica ou a Op Art, de Victor Vasarely (1908-1977) e de Bridget Louise Riley. O Minimalismo (com o uso de formas geométricas básicas como quadrados e cubos), tal qual a obra de Donald Judd (1928-1994), Don Flavin (1933-1993) e Tony Smith (1912-1980). O destaque vai ainda para a Arte Cinética de Abraham Palatinik (no qual as obras se movem com a força do vento, por meio do uso de engrenagens, hastes de metal etc), Alexander Calder (1898-1976) e seus móveis pintados de vermelho e com varas de metal. Destaque ainda para Arte Pop ou a Pop-Art surgida no final dos anos 50, inclusive no Brasil e que trabalhou com elementos da cultura de massa, tais como, marcas, embalagens, objetos eletrônicos ou não, imagens de políticos e de celebridades. A Arte Pop criticava o consumismo exagerado e o cotidiano da vida moderna⁵. O destaque vai para as obras de Richard Hamilton (1922-2011), de Roy Lichtenstein (1923-1997), de Claes Oldenburg e de Wesley Duke Lee (1931-2010).

Surge o Hiper-realismo que une pintura e fotografia, tendo como artistas Milton Kurtz e Ron Mueck. Esses movimentos continuaram a se desenvolver e deram origem às Artes Contemporâneas que se conhece na atualidade. Eneida foi testemunha dessa época e anotou aspectos dessa Geração Modernista 'irreconhecivelmente inteligente' e que presenciou profundas mudanças e grande efervescência artística e cultural. Sobre as artes plásticas no Brasil, a resenhista assistiu a instalação das primeiras Bienais em São Paulo, anotou a presença de artistas brasileiros e do mundo que participavam daquelas exposições, menos para competir entre si e mais para terem seus trabalhos expostos aos olhos do grande público. Na *III Bienal* de 1954, Eneida assinalava a presença de Candido Portinari e a oportunidade que o público tinha de conhecer os estudos do painel "Guerra" que mais tarde faria parte da decoração da sede da ONU. Outros nomes de artistas, pintores e gravadores são citados por ela: Ligia Clark, que teria participação na poesia concretista; Aldemir Martins, Poty, Oswaldo Goeldi, Fayga, Lívio Abramo e outros. Destaque para os estrangeiros: pintores, ilustradores e gravadores Tamayo, Siqueiros, Orozco, Hans Fischer e Diego Rivera. Embora a escritora não se considerasse técnica em artes plásticas, mas tornam-se válidas suas anotações sobre a participação desses artistas e suas contribuições para caracterizar o processo de atualização cultural e de modernização pela qual passava o país:

⁵ Parece altamente irônico, que tenha sido na Europa ocidental e na América do Norte que dois movimentos culturais críticos ao capitalismo, a Pop-Art e a contracultura juvenil, prepararam o terreno fértil para o consumismo atual. A Pop-Art partiu do princípio "que o consumismo havia mudado a aparência do mundo, talvez até a natureza dessa aparência, e que a arte deveria desenvolver novos conteúdos correspondentes e novas formas." (FRANCIS, 2005, p. 18). Com isso caíram as últimas fronteiras entre a Arte Moderna e o entretenimento, a cultura de massas da vida cotidiana. (EGGENSPERGER, 2010, p.61).

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Se há espetáculo que jamais quero perder, se há um dever para mim é ver as Bienais em São Paulo. Infelizmente não pude atender o convite para a inauguração e só agora juntei uns níqueis e lá fui olhar e sentir os trabalhos de Arte de homens e de mulheres de trinta e dois países do mundo. Primeiro louvarei o júri; os premiados bem o mereciam. Depois aplaudirei com o coração feliz e a cabeça fria, os desenhistas, gravadores (principalmente os gravadores) e pintores brasileiros pelos seus trabalhos expostos na III Bienal. São de um nível tão alto que podem, sem favor, competir com os de qualquer país de alto nível de artes plásticas do mundo. Desta vez a exposição é menor do que das outras vezes, mas mesmo assim, vale a pena a visita porque é uma lição imensa: a grande lição das Artes Plásticas. Pena que não se possa ficar muito tempo, um mês talvez, vendo lentamente os trabalhos expostos, visitando com vagar todas aquelas salas: aqui Portinari com seus estudos para o painel intitulado “Guerra” que vai decorar o novo edifício da ONU, principalmente um deles, o daquela mulher de costas que carrega o corpo de um filho morto; depois a sala Segall e em outra Antonio Bandeira mandou-nos uma belíssima Catedral Branca; há Franz Scheffer, as cores belíssimas de Lígia Clark, os desenhos e gravuras de Aldemir Martins, principalmente um gato fabuloso; Poty, Marcelo Grassman – que acaba de chegar da Europa – com gatos também; mestre [Oswaldo] Goeldi e mestre Lívio Abramo, Rossini Perez e Fayga Ostrower. Se misturo salas e falo nominalmente de pintores, desenhistas e gravadores, é porque fui anotando os trabalhos que mais tocavam a minha sensibilidade. Entre os plásticos brasileiros, há coisa ruim, é certo, mas a quantidade de coisas boas é mais pesada e mais séria. Rejubilemo-nos, pois.

Revi, com especial ternura, meus queridos pintores do México: Tamayo, Siqueiros, Orozco, Rivera. Há um *Réquiem* de Orozco que até agora, fechando os olhos, sou capaz de relembrar. Há Leger – o grande premiado – com uma sala magnífica. Há Alfred Kubim, prêmio de melhor desenhista estrangeiro, e Thöny, de quem gosto mais da gravura que da pintura; há Hans Fischer ilustrando La Fontaine e há mais, muito mais; diante de um autorretrato de Van Gogh no original, sem querer, um nó se aperta em nossa garganta.

Todas as vezes que vou assistir a uma Bienal venho de lá imaginando que ela devia percorrer todo o Brasil: que o brasileiro do Norte e do Sul pudesse ver e sentir a linguagem poderosa das Artes Plásticas; que o nosso povo – pelo menos o das cidades – tivesse possibilidades de aplaudir e amar aquele mundo maravilhoso de cores, formas e volumes.

Desculpem-me dar palpites em artes plásticas. Se não entendo muito, se não sou técnica no assunto, isso não impede que por elas tenha verdadeira paixão.

Por favor: quem puder juntar níqueis vá ver a III Bienal em São Paulo; ela vai terminar em outubro (ENEIDA, 22/09/1955).

Eneida, como resenhista e crítica cultural, não escreveu apenas sobre livros, revistas e outras publicações, mas também anotou em sua coluna o desenvolvimento das Artes no Brasil em sua época. Escreveu sobre os Salões de Arte Moderna que se instalaram no Rio de Janeiro na década de 50, sobre o intercâmbio entre o Brasil e o mundo; a oportunidade do público conhecer obras que se tornaram símbolo da época; de conhecer nomes de artistas nacionais e estrangeiros e suas contribuições, como forma de atualização da arte e da cultura nacionais.

A escritora mostra ao leitor que o cenário da arte e da cultura nacional se modificava e o número de exposições acompanhava o período de intensa produção cultural, não apenas no Brasil, mas no mundo. A ênfase nas artes visuais vai para os trabalhos de Alfredo Ceschiatti⁶ e de Oscar Niemeyer mostrava o grande interesse do público pela arte contemporânea e pela modernização do

⁶ Alfredo Cheschiatti (1918-1986) foi escultor, desenhista, parceiro de Oscar Niemeyer na criação de esculturas para o complexo da Pampulha, em BH, para o salão nobre do Itamaraty e para todo o complexo da Novacap. Teve importante papel na renovação das artes visuais no Brasil e dedicou grande parte de seu tempo a ministrar aulas na UnB e em seu ateliê. Muitas obras suas encontram-se em espaços públicos, no RJ, Belo Horizonte, São Paulo, embora tenham recebido premiações de júris internacionais.

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

país. Além das exposições, assinala a realização de palestras, mesas redondas e conferências com a participação dos próprios artistas expositores e de convidados – de modo que o público pudesse sair das exposições mais esclarecido, a respeito da proposta estética de cada um dos artistas e com uma bagagem maior para o entendimento daquele momento cultural e artístico brasileiro:

Para o grande público inaugurou-se ontem, no Ministério da Educação, o Salão Nacional de Arte Moderna. Nele tomam parte, artistas de todo o Brasil e se dele hoje particularmente me ocupo é porque considero que neste momento, em nosso país, as Artes Plásticas [visuais] ocupam um dos mais altos lugares no terreno cultural, obrigando mesmo quase todos os jornais a manter críticos especializados em seções diárias. (...) Sou daqueles que vêm de longe e há muito amando a pintura, desenho, gravura etc, e posso perfeitamente lembrar um tempo não muito longínquo em que raras eram as exposições de Arte e poucos, muito poucos os que as frequentavam. Um pequeno grupo de dez ou doze pessoas enamoradas comparecia não só aos *vernissages* (onde se vê hoje mais gente do que em comícios políticos e não se consegue olhar direito nenhum trabalho exposto) como voltavam para contemplar mais uma vez este ou aquele quadro.

Depois, nosso acordar foi espantoso. Surgiram artistas e admiradores de Arte de todos os cantos da cidade e agora é com alegria, muita alegria que assistimos festas belíssimas como ultimamente ocorreu com a promovida por “Módulo”, expondo esculturas de [Alfredo] Ceschiatti nos maravilhosos jardins da casa de Oscar Niemeyer, o *vernissage* de Maria Martins, uma festa elegantíssima no Museu de Arte Moderna ou a inauguração de Raimundo Nogueira na OCA, cercado de amigos, tudo demonstrando o grande interesse que as Artes Plásticas [visuais] provocam neste momento brasileiro. Está claro que devemos afirmar que para isso muito concorreram as Bienais paulistas e o Museu de Arte Moderna do Rio, verdadeiras escolas para despertar o interesse público. (...) O júri do Salão, a quem peço justiça, organizou uma conferência para cada semana que durar a exposição. Falarão Murilo Mendes, Oscar Niemeyer, Flávio de Aquino, Celso Kelly e terminará com uma mesa redonda na última semana com o Júri. Pingo aqui o ponto final de hoje, saudando os expositores do Salão de Arte Moderna (ENEIDA, 31/05/1956).

Para comentar assuntos tão variados, a crítica cultural de Eneida se ocupou em fazer um balanço do país na década de 50, anotando as mudanças no cenário cultural, a grande efervescência na produção artística e as contradições sociais que o país experimentava também foram observadas pela resenhista:

País de imensas contradições este nosso: os problemas econômicos e financeiros cada vez mais agravados, soluções sempre adiadas, miséria comendo e, enquanto isso cada vez mais belo e forte se vai tornando nosso meio cultural e artístico. As Artes Gráficas obtêm um sucesso tão grande que um dos nossos desenhistas – o cearense Aldemir Martins – acaba de conquistar em Veneza, o grande prêmio de desenho; o último Salão de Arte Moderna demonstrou a força de nossos gravadores; a arte nacional se amplia: nosso teatro cresce e se fortifica; nossas editoras lançam centenas de livros ótimos e começam a aparecer as editoras de Livros de Arte. País espantoso o nosso, nesses anos que vivemos! (ENEIDA, 08/07/1955).

Eneida assinalou o trabalho do paisagista Roberto Burle Marx, que mostrava seu talento para a criação de murais, tapeçarias, desenhos, pinturas e até a criação de joias. O Brasil na década de 50 já estava inserido no circuito internacional das exposições de arte e o público nacional correspondia às expectativas e se fazia presente àqueles eventos culturais. A ligação de Burle Marx com a urbanização e o paisagismo é mencionada pela escritora como uma necessidade de humanizar e embelezar as cidades em processo de modernização. O papel do artista em buscar a identidade cultural

do povo é observado pela escritora, uma vez que a obra de Burle Marx passou a fazer parte do cotidiano do brasileiro, principalmente na época de Natal. Ela anotava as mudanças nos costumes e o refinamento do gosto do público. Percebia o interesse do público pela arte e por frequentar exposições e por todas as Artes. Apesar das contradições e os problemas econômicos, o país vivia um momento de intensa produção cultural diversificada e com grandiosa em quantidade e qualidade:

Inicia hoje suas atividades – na temporada de 1956 – o Museu de Arte Moderna que tantos e tão inestimáveis serviços vem prestando à nossa cultura artística. A exposição de hoje é de Roberto Burle Marx e “vamos ter oportunidade de entrar em contato mais detido com a produção desse excepcional artista no plano da paisagística, dos jardins, dos murais, da tapeçaria, dos desenhos, da pintura e das joias” - diz Jaime Maurício contando ainda que essa amostra seguirá depois para a Europa onde será apresentada em Londres, Zurique, Amsterdã e possivelmente, em Paris, Roma e Lisboa.

Por mim, várias vezes tenho trazido meus aplausos – incolores é certo, mas muito vibrantes – ao Roberto Burle Marx excelente artista, jardinista; creio que deve acontecer com toda gente o que comigo ocorre quando chego ao trecho inicial da avenida das Nações Unidas saindo de Copacabana, pelo túnel do Pasmado e deparo com aquele jardim tão belo, tão alegre que Burle Marx ali plantou. Várias vezes lhe tenho agradecido a alegria dessa oferta que é também repouso quando de volta ao trabalho o mesmo jardim, que nos dera bom-dia e nos dissera: - Coragem! trabalha com alegria! nos dá boa-noite e cumprimenta: - Parabéns, ganhaste honrada e corajosamente mais um dia. Volta para casa, descansa e continua a viver.

Para mim, Roberto Burle Marx é, principalmente, o amigo das árvores e das flores, aquele que é capaz de construir-lhes belas moradias ou ajudá-las a aparecer em plena força e eloquência diante de nossos olhos nem sempre merecedores e captadores da beleza. O amigo das árvores; que título maior e mais digno? Ele deu-nos até agora, além dos jardins que a cidade orgulhosamente ostenta, os seus arranjos domésticos onde árvores, arbustos e flores criam novas expressões e mais ainda: deu às nossas árvores o direito e o dever de enfeitarem nossos natais. Não mais pinheiros cobertos de algodão fingindo neve, mas árvores nossas, companheiras de nossas várias idades, nascidas como nós neste país tão belo pelas suas goiabeiras, mangueiras, etc.

Felizmente para nós, no Brasil atual, cheio de contradições, com o analfabetismo roendo nossos olhos com a mesma força da miséria e da subnutrição – o eterno e insolúvel problema do analfabetismo – os artistas em geral já contam com o aplauso, o apoio, o encantamento e o amor de várias e amplas camadas populares. Antigamente, poucos, muito poucos eram capazes de ir ver e se enamorar de uma exposição de pintura; poucos, muito poucos os que gostavam da literatura. Muito poucos os que frequentavam o bom teatro. Só a música sempre reuniu em torno de si um número maior de pessoas. Agora tudo isso mudou de tal modo que, quando em dezembro Roberto Burle Marx expôs no *Copacabana Palace* seus arranjos e flores para o Natal, os salões luxuosos do Hotel se encheram de gente curiosa e encantada, gente de todas as espécies, com olhos abertos e coração compreensivo. (...) Roberto ensinou o povo a amar árvores, flores e arbustos (ENEIDA, 14/03/1956) .

Sobre Portinari e sua obra, a resenhista assinalou que se tratava de um artista completo, que despertava admiração e orgulho nos brasileiros. A escritora se comove ao ver os “Painéis Guerra e Paz”, mas criticou o que sua Geração fez com a humanidade ao patrocinar os conflitos mundiais e ceder à realização das destruições totais da humanidade. A dor e o sofrimento ficariam entranhados na concepção de mundo e na produção dos artistas e dos escritores da década de 50:

Dizer o que são os painéis de Portinari é coisa impossível assim, numa crônica de espaço marcado. Por mim, declaro que aquele que apresenta os horrores da guerra, mãos reunidas na imensa dor comum, seus gestos de desespero, aquele que a mulher mantém nos braços uma criancinha morta, os cavaleiros guerreiros tão diferentes com os alegres cavalos da paz, tudo o que está picturalmente pintado no “Painel da Guerra”, me comove, impressiona, deixa certo

amargor de pertencer a essa nossa geração que jamais conheceu nem conhecerá a verdadeira paz. Meu amigo Dalcídio Jurandir, com quem conversei sobre o que mais gostava do “Painel da Guerra”, - apesar de ser por princípios, consciência e convicções defensora intransigente da Paz, - me disse esta verdade: - É que todos nós, inclusive Portinari, estamos muito mais condições de externar e sentir o sofrimento e a dor do que o amor e a felicidade (ENEIDA, 01/03/1956).

Ao comentar sobre a obra “Painéis Guerra e Paz”, Eneida registrou a oferta do governo brasileiro em doar para a ONU os painéis de Candido Portinari, mas criticou os promotores do evento que se preocupavam em convidar autoridades, a imprensa e se esqueciam dos artistas e do público, na opinião da escritora, os maiores interessados:

Todos sabem a história: foi em 1952 que o Brasil resolveu ofertar para o edifício das Nações Unidas, nos Estados Unidos, painéis realizados por Candido Portinari. As maquetes foram aprovadas; o trabalho iniciado 1953 e terminou em dezembro de 1955. Medem, cada um dos painéis, 10 metros de largura por 14 de altura. São metros mais de 200m² quadrados de superfície pintada com uma grandiosidade, uma eloquência e uma beleza impressionantes. Foi comovida – confesso – que abracei esse amigo Portinari e estou aqui convidando toda gente, todo mundo, para ir ao Municipal (a entrada é franca), para ver a magnífica obra de nosso grande pintor. Devemos a iniciativa ao Itamarati escolhendo o Municipal para a grandiosa apresentação e também lembrar, a quem de direito, que sempre que houver exposições de pintura em apresentações no gênero dos painéis de Portinari, as primeiras pessoas a convidar deveriam ser, infalivelmente, invariavelmente, os artistas plásticos e depois o público.
A exposição durará apenas uma semana. Não percam. (ENEIDA, 01/03/1956).

Eneida se interessou por temas ligados à preservação da memória cultural do Brasil. Essa preocupação em criar bibliotecas, defender a preservação de acervos, conservar museus, fez com que a escritora fosse uma das incentivadoras da criação dos Museus de Imagem e do Som, tanto no Rio de Janeiro como em sua terra natal. Em uma crônica, *Cinemateca e outros assuntos*, publicada em 1957, denuncia o descaso dos governos com a preservação da memória e a falta de recursos alocados para as políticas culturais e educativas. A temática é a Cinemateca Brasileira que fora vitimada, menos por um incêndio, e muito mais pela falta de conservação e de manutenção. A resenhista denuncia a quase total ignorância das autoridades com relação à arte, à cultura e à educação e a indefinição de políticas nesse campo:

Não sei o que está acontecendo agora com a Cinemateca Brasileira que como os leitores devem estar lembrados, pegou fogo em fevereiro deste ano, doloroso incêndio que aqui comentei. Li em vários jornais entrevistas de Paulo Emílio Sales diretor da referida, seus angustiosos apelos para que o governo federal ajudasse urgentemente, com dinheiro e reconstrução da Cinemateca, uma das mais belas instituições que possuíamos neste país, onde tudo funciona tão mal. Encontrei Paulo Emílio nesta cidade onde tinha vindo conversar com o Ministro da Educação para saber o que de positivo havia sobre três milhões de cruzeiros que o governo daria em auxílio à Cinemateca. Mas achei fraquíssimas as esperanças. O presidente da República – segundo soube depois – parece que teve uma vaga ideia do incêndio e também muito bem o que é a Cinemateca, o que ela representa na nossa paisagem cultural, com seus filmes clássicos, com toda a sua história do cinema nacional, com aquela belíssima coleção de primitivos franceses coloridos a mão, datados de 1906 e 1910 etc etc etc. Uma beleza que um incêndio destruiu senão totalmente, mas em grande parte. (...) Tudo ocorreu por falta de instalações adequadas contra o calor e a umidade; e depois do incêndio ela foi para o Ibirapuera,

provisoriamente, instalando-se, conforme li, num terceiro andar do Palácio das Indústrias. Ora, o incêndio, as primeiras *démarche* dos diretores, os apelos de Paulo Emílio ocuparam pedaços de jornais durante o mês de fevereiro e começo de março. E agora? Como andam as coisas? Saiu a prometida verba? O governo ajudou a reconstrução da Cinemateca? Eis um assunto que me interessa – e creio que todos nós – pelo que aqui estou perguntando aos de São Paulo se houve uma solução para o caso. Como sei que neste país quando há um assunto urgente, ele costuma andar anos e anos “seguindo os trâmites legais”, não creio que tenha sido resolvido até agora o problema e que a verba governamental tenha sido entregue. Foi ou não? É o que me pergunto, mais uma vez solidária com os dirigentes daquela instituição que merece o aplauso e a estima de todos nós (ENEIDA, 03/04/1957).

As observações sobre os acontecimentos culturais que Eneida registrava e comunicava ao leitor, são memórias de um tempo do qual se ressaltam a intensa produção cultural, a participação do público e, principalmente, a diversidade dos interesses por todas as artes, desde a pintura, escultura, até o desenho, a decoração de ambientes, a xilogravura, a exposição de material cenográfico utilizado em ecas teatrais, além de figurinos. O interesse pelas artes e pela cultura era intenso.

Na “bonitíssima” Galeria Bonino inaugurou-se uma grande exposição que merece a visita de todo mundo: [Oswaldo] Goeldi⁷ e [Marcelo] Grassman, dois grandes estão expondo gravuras aqui e ali ficarão, com suas xilogravuras, o primeiro, com seus desenhos, o segundo. Não percam, inclusive porque Oswaldo Goeldi acaba de ganhar o grande prêmio internacional de gravura [em Veneza].

Na Piccola Galeria, do Instituto Italiano de Cultura está um novo: João Luís Chaves expondo gravuras e no dia 21, Bareinski inaugurará a exposição de Soshana que vem credenciada pelos louvores de Picasso e de Jean Cassou. Ontem, no Copacabana *Palace*, inaugurou-se a exposição de outro pintor francês: Toffoli sob o patrocínio do embaixador da França.

Mais notícias: dia 15, inaugura-se na Galeria Oca (rua Jangadeiro, 14, Ipanema), o material cenográfico de *Pluft, o fantasminha*, peça de Maria Clara Machado agora levada ao cinema por Frei Pedro Secondi, adaptado por Romain Lesage. Os cenários são de Paulo Bandeira e Carmélio Cruz; os figurinos são deste último, sob a execução de Flávia Vanin (ENEIDA, 14/09/1960).

Eneida foi observadora de um dos grandes problemas que afetou o mercado de jornais e de revistas especializadas em literatura e em arte no país: a vida efêmera dessas publicações, que logo morriam em seus primeiros números. Apesar do grande interesse do público, os gastos não cobriam o que era obtido com as vendas e a falência dessas publicações era inexorável. A escritora elogiou o empenho de artistas, escritores e jornalistas, os diretores e os idealizadores que se reuniam com o objetivo de divulgar a arte e a literatura nacional. Publicações como a revista *ParaTodos*, *Leitura*, *Jornal da Letras*, *Tico-Tico* e outras edições são lembradas e mencionadas pela escritora. Aparecem

⁷Oswaldo Goeldi (1895-1961) gravador, desenhista, ilustrador; filho de Emílio Augusto Goeldi. Sua influência artística é Alfred Kubin. Trabalhou como ilustrador da Revista *ParaTodos*, *Leitura* e *Ilustração Brasileira*. Mestre nos desenhos, nas xilogravuras em preto e branco, coloridas, entalhadas em madeira, foi professor de Escolas de Belas Artes e criou sua própria Oficina de Xilogravuras. Ilustrou as obras *Cobra Norato*, os livros de Dostoiévski e Cassiano Ricardo. Em 1950, ganhou o Prêmio na Bienal de Veneza. Em 1951, recebeu o Prêmio na 1ª Bienal Internacional de São Paulo. Daí em diante sua carreira se consolida e tornou-se professor de muitos artistas consagrados, com destaque para Antonio Dias, Gilvan Jamico e Anna Letícia. Suas obras mais famosas são “Lugar de Crime”, “Casa Vermelha”, “Guerra”, “Favela”, “Chegada de Barco”, “Olhos”, “Palmeiras”, dentre outras.

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

ainda nas crônicas eneidianas referências à *Revista do Livro* publicada pelo INL, na qual críticos como Brito Broca publicou seus ensaios, resultado das horas de pesquisa na Biblioteca Nacional.

A revista *Leitura* é citada pela escritora como o órgão que sempre acolhia os “manifestos dos escritores brasileiros” para organizar um movimento em torno da UBE (União Brasileira dos Escritores). Na crônica, *Leitura*, publicada em 1958, a resenhista faz um histórico da revista, apontando sua linha editorial, mostrando seu papel no cenário cultural, artístico e literário brasileiro, apontando as enormes dificuldades que enfrentava, além dos esforços dos editores, escritores e amigos para ressuscitá-la em sua segunda edição:

Em 1943, surgia nesta cidade, uma revista intitulada “Leitura”. Nela colaboravam grandes nomes de nossa vida literária, dando notícias de livros, criticando, aplaudindo, estudando personalidades. A revista viveu sete anos, vencendo milhares de dificuldades, mas um dia desapareceu. É sempre muito precária a existência de revistas puramente intelectuais no Brasil. Mas (e neste mas está a alma da “coisa”) , “Leitura” era trabalho de um homem tenaz, um teimoso pernambucano como são teimosos os seus conterrâneos e os homens do Nordeste e do Norte. Barbosa Melo – é o nome do teimoso – em julho de 1957 convocou-nos a todos, comunicando: “Leitura” vai reaparecer. Naturalmente quer e vai ser melhor do que no passado, se bem que continue na mesma linha: divulgar o livro, dar ao povo brasileiro amor pela leitura, aconselhando-o, apresentando opiniões e julgamentos sobre obras recém-aparecidas ou velhas obras sempre vivas, etc.

Já sabíamos então que se Barbosa Melo resolveu editar “Leitura” a revistazinha ia surgir melhor do que no passado. Dito e feito. Houve uma festa bonita para o lançamento de seu primeiro número e depois “Leitura” pegou. Sim, é esse o termo usado e que cabe aqui direitinho. Pegou, ou seja, caiu no gosto do público; é hoje lida por milhares de pessoas, suas edições se esgotam, é encontrada em qualquer lugarejo brasileiro. E vai melhorar ainda mais e ainda mais progredir, nem há dúvida, pois Barbosa Melo tem agora como associado, um grande amigo dos livros: Willy Vassen.

O primeiro número da segunda fase saiu no dia 2 de julho, mas as festas do aniversário serão comemoradas amanhã, sábado, dia 28, das 15 horas em diante, nas matas da Tijuca. Uma festa folclórica com a Floresta gentilmente cedida pelo prefeito Negrão de Lima e a qual deverão comparecer 700 pessoas, escritores, parlamentares, jornalistas, adidos culturais estrangeiros, artistas, enfim, a fina flor da inteligência moradora nesta cidade. A festa será folclórica com um caráter tipicamente junino: fogueiras, quitutes, etc. Além disso, o show com a “Velha Guarda” e vários artistas cantores. “Leitura” está fazendo seu primeiro aniversário em sua segunda fase. A ressurreição valeu a pena. Ela é hoje uma das mais lidas e aplaudidas revistas literárias do Brasil. Cantemos o “feliz aniversário”, desejando-lhe boa longa vida (ENEIDA, 27/06/1958).

Alguns grupos de artistas que vinham de outras regiões do país, também se reuniam para mostrar suas obras, publicar suas ideias e para lançar suas próprias revistas e jornais. A função sociocultural que essas publicações tiveram também será abordada por Eneida: divulgar fatos e acontecimentos literários, artísticos e culturais, informar sobre as novidades nas artes no Brasil e no mundo, acolher escritores e artistas de todas as correntes e serem representantes de um modelo de jornalismo cultural que aos poucos seria substituído pelos Cadernos Culturais, nos anos seguintes.

O que aqueles escritores e editores não percebiam era que não era apenas a crítica literária e cultural que estava entrando em crise, mas também o próprio jornalismo sentia o embate da modernização dos meios de comunicação, a invasão da indústria cultural e a exigência de divisão do Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

mercado com os anunciantes dos programas de televisão. Esse modelo de imprensa literária e cultural - apesar de todos os esforços de seus idealizadores e editores - estava fadado a desaparecer no Brasil:

Ninguém desconhece neste país o quanto de tenacidade, de persistência, de espírito de luta necessitam aqueles que se atrevem a fazer jornais exclusivamente literários. Muitos nascem e morrem sem deixar sequer vestígios. Outros – raros – subsistem à custa de milhares de sacrifícios, com seus diretores saltando obstáculos e encontrando a todo o momento todas as dificuldades. É esse o caso do “Jornal de Letras” de tão bela atuação e da qual falo hoje porque o “Bill” (bibliografia e informações para os leitores) tabloide publicado pela Editora Scol, num artigo de seu último número intitulado: “Poderá morrer a imprensa literária do Brasil” conta as enormes dificuldades com que estão lutando os “Jornal das Letras” e “Paratodos” – sobretudo o primeiro, - para sobreviverem.

Não precisamos falar de “Paratodos”, que vai fazer um ano de vida: é um primoroso jornal literário, vitorioso já, sempre atendendo em seus números os problemas de cada momento, preocupado em examinar não apenas os assuntos do livro, mas das artes em geral, acolhendo em suas páginas escritores de todas as correntes políticas e filosóficas, divulgando a vida cultural, não apenas do país, mas também do estrangeiro. “Jornal de Letras” vive há oito anos; muito provincianos recém-chegados ao Rio, ainda sem diretriz encontraram acolhida em suas páginas, foram por eles lançados no meio intelectual carioca. Talvez porque tenham sido um dos precursores desse tipo de jornalismo no Brasil, talvez por falta de organização, mas principalmente, por falta de auxílio e compreensão de anunciantes interessados e da massa leitora. o “Jornal de Letras” vem atravessando várias crises econômicas muito sérias e sido vítima de boatos alarmantes, anunciando-se seu desaparecimento, mesmo que os irmãos Condé estejam dispostos, ontem como hoje a mantê-lo a todo custo.

Ninguém poderá negar o papel do “Jornal de Letras” na vida intelectual brasileira. Seus números de publicação incerta, é verdade, mas nunca deixando de aparecer, têm apresentado velhos e novos valores, valores da metrópole ou das províncias, promovendo concursos, criando em torno de si um grupo não de mais colaboradores, mas de amigos devotados. “Jornal de Letras” não morrerá, podemos garantir todos nós, esses amigos. Vai continuar e melhorar, vai ser organizado, tornar-se sociedade por ações, enfim, melhorar tanto até atingir o sonho dos irmãos Condé; “Jornal de Letras”, jornal semanal.

O referido artigo de “Bill” propõe a organização de mesas-redondas para resolver o problema das publicações culturais e termina com um apelo para que todos se unam na luta pela sobrevivência de “Jornal de Letras”, ajudando-o com anúncios, tomando assinaturas, etc. Não creio que as mesas-redondas possam auxiliar a solução do problema da imprensa literária no Brasil, mas estou perfeitamente de acordo com o apelo de “Bill”, certa de que, apesar dos inimigos e dos caluniadores, “Jornal de Letras” vai melhorar, progredir, realizar aquilo que desejam, não apenas os irmãos Condé, mas todos nós: maior número de páginas, melhor apresentação gráfica, pontualidade na publicação. Solidária com os irmãos Condé e o “Jornal de Letras”, louvo o artigo de “Bill” pelo interesse que tem demonstrado pela imprensa literária no Brasil (ENEIDA, 28/04/1957).

Embora não se considerasse uma especialista em Artes, Eneida testemunhou as mudanças na arte modernista que ocorria no Brasil e anotou as novas tendências do concretismo e do neoconcretismo.

Os ideais construtivistas que desde a década de 1930 influenciavam os arquitetos modernos brasileiros tomaram o cenário das artes plásticas no início dos anos 50. Nesse momento, chegaram ao Brasil os conceitos da arte moderna como investigação centrada na forma, na cor e no espaço. Ao longo da década, as tendências do construtivismo - expressas no concretismo e no neoconcretismo - e da abstração informal iriam consolidar-se, num movimento de renovação da arte brasileira que recusava a figuração e a representação realistas e saía em defesa tanto da linguagem geométrica ou informal quanto da abstração (KORNIS, 2015, p.1).

A escritora observou que “a arquitetura e a arte naquele momento aspiravam a introduzir uma racionalidade modernizadora na organização do espaço social.” E a presença desse processo de modernização se daria, com Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, além dos jardins planejados por Burle Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Marx. Brasília já se tornara uma realidade, embora a resenhista se opusesse em transferir-se para a NovaCap. A resenhista anotou as mudanças na poesia, embora seu espírito ‘conservador’ não tenha se voltado para as produções de Décio, Augusto e Haroldo de Campos, mas aplaudiu a premiação dada à Ligia Clark, na época, bem como a produção de Ivan Serpa.

A resenhista abordou em seu espaço na coluna *Encontro Matinal* as principais tendências da arte brasileira, principalmente nas bienais realizadas em São Paulo, a partir de 1951-1953, nas quais a pintura, a gravura e a escultura obtiveram consagração pública. ENEIDA também mencionou a importância dos Museus de Arte Moderna, no Rio e em São Paulo, que se tornaram pontos de atração e de divulgação da arte nos anos 50. O MAM do Rio e de São Paulo tiveram suas sedes inauguradas naquela época. Assim sob o signo do moderno as artes plásticas/visuais e a arquitetura se fundiam. Sobre as outras artes, Eneida publicou as crônicas: “*Pereira Passos- o reformador do Rio de Janeiro*” (1955), dando ênfase ao trabalho de engenheiros e arquitetos que modernizaram a cidade; “*Roberto Burle Marx*”(1956) – sobre a presença do artista brasileiro em vários países para receber aplausos e prêmios internacionais; “*Nova Moda Masculina*”(1956) – para falar do artista da moda Flávio de Carvalho e sua coleção de figurinos sob a influência do Minimalismo e da Arte Cinética; “*Passeio de Natal*” (1956). Criticou o elevado preço dos livros de arte e os especializados como o Álbum de Klee, aparecido nas livrarias naqueles tempos; “Um curso interessantíssimo” (1957) – na qual faz referência ao trabalho de artistas plásticos que começavam a trabalhar nos barracões das Escolas de Samba, do Rio de Janeiro. Eneida foi do júri do Carnaval, por muitos e muitos anos; “*III Bienal*” (1955) – na qual a resenhista registra o alto nível das artes plásticas do mundo e a forte influência no país; “*O Salão de Arte Moderna*” (1956) registra que as artes plásticas ocupavam no Brasil, o mais alto lugar no terreno cultural, o que exigia que os jornais da época contratassem especialistas para escrever colunas sobre o assunto. O interesse e a afluência do público às exposições montadas nos jardins da ‘casa do Oscar Niemeyer também são anotadas pela escritora.

Saúdo toda a valorosa, abnegada turma que maneja o lápis, os pincéis e o buril, criando com força e consciência a Arte Nacional. Saúdo os gravadores, pois considero que no momento são eles os que mais a sério e mais profundamente trabalham e criam. Nunca tivemos como agora, um grupo (uma equipe) de artistas tão competente e tão inteligente quanto a dos gravadores, cuja arte alcançou um tão alto ponto, que muitos são premiados pelo alto grau de profissionalismo (ENEIDA, 31/05/1956).

Em “*Portinari*” (1956), Eneida destaca o grande homem e imenso pintor dos ‘painéis que seguiam para o Edifício das Nações Unidas (ONU) e assinala que

os Painéis da Guerra, de Portinari apresentam os horrores do que nem imaginamos; mães reunidas na imensa dor comum; seus olhares e gestos de desespero; aquela mulher que mantém nos braços a criancinha morta; os cavalos guerreiros tão diferentes; alegres cavalos da paz; tudo o que está picturalmente pintado no painel da guerra, me comove, me impressiona e me

deixa um amargor de pertencer a essa nossa geração que jamais conheceu nem conhecerá, a verdadeira Paz. (ENEIDA, 01/03/1956)

Em “*Moderna Arquitetura Brasileira*” (1956), a cronista registra o trabalho de Henrique Mindlin ao publicar um livro das conquistas arquitetônicas e a fabulosa modernização da cidade do Rio em casas, apartamentos, hospitais e igrejas. Foram 400 fotografias para mostrar o trabalho de 70 arquitetos brasileiros. Ela estaca a importância do “planejamento urbano e a arquitetura paisagística” como uma das marcas da Geração Modernista Pós-1945. Em “*A Bienal e as Mulheres*” (1957), registra o destaque daquele ano que foi dado às mulheres premiadas: Fayga Ostrower, Teresa Nicolau (pintora), Zélia Salgado, Lígia Clark destacando o valor dessas artistas na II Bienal Paulista (1957).

Eneida em “*Direitos Autorais*” (1960) questionou que trabalhos de artistas fossem utilizados sem a devida menção e consulta, citando o caso de escultores, desenhistas, gravuristas, pintores e embora existissem leis brasileiras, estas, não eram cumpridas: “a obra de arte assinada tem autor, que não perde seus direitos sobre as reproduções, embora tenha sido vendida”. O mesmo acontecia com os escritores e neste sentido a UBE vinha lutando e já obtendo sucesso. (ENEIDA, 21/01/1960). Em “*Sörensen*” (1956), faz o levantamento de dados sobre o pintor, arquiteto e decorador exaltando “seu espírito vibrátil, suas exposições individuais, sua participação em obras coletivas, sua importância para a Arte Moderna Brasileira, suas cores abundantes e inventivas, a consciência de seu processo criador.” Os trabalhos de Sörensen se aproximavam “das pinceladas de Picasso e de Matisse, revelando o fantástico talento do artista” (ENEIDA, 09/12/1956).

Em “*Notícias*” (1956), a cronista utilizando estilo *cocktail*, se refere à exposição do pintor Antônio Bandeira (radicado em Paris); o trabalho de Aldemir Martins (desenhista) vencedor de prêmios internacionais, além de falar de lançamentos de livros, de publicações especializadas, em arte, que a escritora considerava fundamental para o público. (16/12/1956). Em “*Museus na Educação*” (1958), destaca a importância dos museus, principalmente o MAM na educação da população. A cronista lembra que em Paris e em Londres, os museus de arte eram considerados peça fundamental para a educação. Afinal, os Museus de Arte colaboravam para as experiências pessoais, enriqueciam os espíritos críticos, ampliavam ideias e capacidades, devendo se tornar importante matéria dos currículos educacionais e da cultura. Era preciso conhecer o Brasil através da arte, assinalava a escritora (ENEIDA, 14/09/1958).

Finalizando

A cronista também publicou a “*História de Djanira, a pintora*” (1952); “*Homenageando Aldemir Martins*” (1956); a crônica “*Movimento Brasileiro de Arte*” (1956) – na qual Eneida Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

registrou a ocorrência de um movimento para difundir o repertório de obras de artistas nacionais (pintores, músicos, teatrólogos). As ideias do MBA chegaram por aos jornais com a colaboração dos divulgadores Santa Rosa, Agostinho Olavo e José Maria Monteiro. O Movimento se ampliou na divulgação de peças teatrais e na criação da Temporada Nacional de Arte, quando em conjunto os artistas se uniram com o propósito de difundir e levar as artes ao povo, com o objetivo de tornar o contato com as exposições, *vernissages* um costume, um hábito, uma diversão sadia e cultural. O MBA tinha feição nacionalista e se preocupava com o artista nacional, que mesmo em exposições e temporadas curtas mereciam o apoio de jornalistas, de críticos de arte, da classe e do público. (ENEIDA, 1956). A cronista publicou ainda as crônicas “*Exposição Darel*” (1957); “*O Salão de Arte Moderna*” (1956) e “*O MAM*” – na qual se lê: “O museu está sendo construído para os séculos e não para o presente efêmero.” Em outros trechos dessa tese, o perfil de mulher das Letras e das Artes está assinalado em sua crítica teatral e no perfil biográfico de artistas que a escritora também registrou em sua coluna *Encontro Matinal*.

Para a cronista, a renovação do pensamento não se dava apenas nas artes plásticas e visuais, mas também no teatro, a imagem do artista também estava mudando. Ao entrevistar Paulo Autran, Eneida anotou essas transformações nas mentalidades. “A figura ‘romântica’ do artista inspirado e boêmio seria substituída pelo projetista, pelo designer, pelo inventor de formas e de possibilidades utilitárias.” O artista profissionalizava-se e recebia a consideração e o respeito da sociedade. “O artista não queria apenas embelezar os objetos existentes, não se tratava de uma estetização do mundo da vida. Ao inventar formas, ele queria reinventar os objetos, seus usos e funções” (OSÓRIO, 2007, p. 3). Era natural que as Artes, no período Modernista Pós-1945 se mostrassem mais versátil e mais maduras. A tradição moderna encaminhava-se para que se percebesse que no Brasil existem muitos brasis e inúmeras modernidades. “O Brasil tornava-se definitivamente moderno. E o modernismo, por sua vez, ganhava uma entonação brasileira” (OSÓRIO, 2007, p. 2). Esse era o Brasil da época da Geração Modernista de Eneida.

Referências

EGGENSPERGER, Klaus. *Estudos Culturais e Literatura*. Revista X, v.2, 2010, p. 51-70.

ENEIDA. “O salão de arte moderna”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31. mai.1956. Encontro Matinal, c.2, p. 2.

ENEIDA. “História de Djanira, a pintora”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23.jan. 1952, Suplemento Literário, p. 6.

Vânia ALVAREZ; Joel CARDOSO. As crônicas de Eneida sobre artes, nos anos dourados. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

ENEIDA. “Roberto Burle Marx”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14.mar.1955. Encontro Matinal, c. 2, p. 2.

ENEIDA. “Portinari”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 1.mar.1956. Encontro Matinal, c.2, p. 2.

ENEIDA. “Moderna arquitetura brasileira”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 23.nov. 1956. Encontro Matinal, c. 2, p. 2.

ENEIDA. “Cinemateca e outros assuntos”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 03.abr.1957. Encontro Matinal, c. 2, p. 2.

ENEIDA. “Jornal de Letras”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 28.abr.1957. Encontro Matinal, c. 2, p. 2.

ENEIDA. “A Bienal e as mulheres”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19.ago.1957. Encontro Matinal, p. 2.

ENEIDA. “Direitos autorais”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 21.jan. 1960. Encontro Matinal, c. 2, p. 4.

ENEIDA. “Os museus na educação”, *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 14.set. 1958. Encontro Matinal, c. 2, p. 4.

KORNIS, Mônica. *A sociedade os anos 50*. Dossiê JK, FGV/CDOC, fev. 2015.

OSÓRIO, Luiz Camilo. *A pintura brasileira nos anos 50: a conquista moderna*. Revista Online. Blog Raul Mendes Silva, jan. 2007.

SILVESTRE, Emerson. *Diálogos possíveis entre estudos literários e culturais: teoria Queer e Estética do Efeito*. Revista Investigações, v. 28, nº. 1, jan./2015.